

“Um dos fins da psicanálise, tanto da clínica, quanto da análise da cultura, é perseguir o desenho das relações humanas concretas a partir de uma óptica específica, em que a instabilidade ou a vulnerabilidade não são suscetíveis de serem erradicadas sem a eliminação do humano enquanto tal” (p. 253).

Eis aí, muito bem apresentado, o inacabado. Ponto de partida e de chegada do olhar psicanalítico: o inacabado do humano. Indissociavelmente: ponto de partida e de chegada em Freud — sua teoria inacabada. Quando Freud se propõe a “seguir uma idéia para ver até onde ela chega” — propõe, ao mesmo tempo, um método e o limite de seu alcance (limite, este, que é inerente ao método): “o ponto em que ela se detém” é uma “problemática”, é problema em ação, que move, ora mais, ora menos, perceptivelmente para outra idéia. O inacabado é história; o inacabado faz história e faz acontecer o trabalho do pensamento.

André Green<sup>1</sup> atribui a duas razões o surgimento de novas teorias e de modificações na teoria freudiana. A primeira é que a teoria existente pode se revelar incapaz de explicar certos fatos que apenas entreviu ou que desconheceu; neste caso, a nova teoria se constituiria sobre a base destes fatos ignorados, resultando em um progresso na aquisição de conhecimento, deixando ao futuro decidir quanto à possibilidade de aplicar os novos pontos de vista ao saber antigo, ou a outros âmbitos ainda não explorados pelo mesmo. A segunda razão não se apresenta com argumentos tão respeitáveis: a teoria antiga é difícil e se presta a mal entendidos; isto poderia ser,

## Tudo é bom quando inacaba bem

Resenha de Lucia Barbero Fuks e Flávio Carvalho Ferraz (orgs.), *A clínica conta histórias*, São Paulo, Ed. Escuta, 2000, 260 p.

de fato, motivo mais do que adequado para descartá-la se... se desconsiderasse que uma teoria que se propõe a pesquisar e conceituar o psiquismo humano não pode se furtar ao dilema: ser clara, simples e útil, ainda que sem fazer juz a seu objeto ou esforçar-se por respeitar a complexidade e pagar o preço correspondente, mantendo, em si, obscuridades, contradições e ambigüidades.

Os autores dos textos que compõem este livro inovam pela primeira razão. Pagam o preço. Têm eles, isto em comum, na mesma medida em que têm em comum a originalidade e a inserção em um projeto formativo, de transmissão da psicanálise, no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. O que fazem com o inacabado em Freud?

Retomam-no dentro do próprio texto freudiano e o põem a produzir, no confronto com outros referenciais teóricos (de Lacan a Ogden, de Ferenczi a Bleger, de Pélbart a Silva Jr.), com outras clínicas (clínica com perversos, clínica com psicóticos, clínica das psicopatologias contemporâneas, clínica — ainda desafiante — das neuroses) e com os tão essenciais “outros” da psicanálise: a literatura, a filosofia, as artes plásticas e o cinema. Retomam-no propondo articulações na obra, re-arranjando e inaugurando: “o momento em que os conceitos são mais úteis é quando estão se formando” (p. 205).

Para ir revelando ao leitor as atrações que encontrei nas ricas terras-temas do inacabado, vou percorrer os diferentes escritos, apenas mapeando, em demarcações que decorrem, necessariamente, de meus interesses mais investidos no momento; as leituras também vão contando histórias ao longo da vida de cada psicanalista....

No tema — “Sonho e sintoma para além da significação” — Maria Laurinda de Souza ocupa-se, neste *além*, de retomar duas idéias: os sonhos revelam a existência, no aparelho psíquico, de um espaço próprio que nem sempre se constitui e — é pelo aspecto regressivo que “se poderiam entender os atos criativos produzidos na vida de vigília, a partir da experiência sonhada” (p. 23); o ponto regressivo absoluto pode ser pensado como ponto de abertura, como via possível de separação do corpo materno. Trabalhando com as duas idéias, Laurinda propõe um olhar/escuta para o sonho: experiência de

um prazer peculiar, de inovação e de trabalho de ligação pulsional. Maria Cristina Ocariz, ao abordar o sintoma, colocamos, de imediato, com um limite para a possibilidade de significação do mesmo: o recalque primário, o recalque que funda o aparelho psíquico e que traz, inexoravelmente, a impossibilidade de um completo saber sobre si mesmo. O sintoma, este inevitável, revela a maquinaria defensiva que o psiquismo monta para administrar o excessivo do universo pulsional. O ideal terapêutico da análise coloca-se em relação ao sintoma, possibilitando que o sujeito realize algo de produtivo com o mesmo, um circuito diferente, um reordenamento da engrenagem pulsional.

“Narcisismo: uma clínica da dor psíquica” é um tema desenvolvido a partir de duas especificidades clínicas: a prática psicanalítica com crianças e a com adolescentes. Na primeira, Fátima Vicente considera que há, na criança, uma vertente de sintoma dos pais: “são estes pais, dos quais é uma parte-sintomática, que ela traz consigo para a análise” (p. 55). Esta imbricação transporta as marcas do narcisismo, da ilusão da reciprocidade de desejos. Os jogos infantis constituem a forma privilegiada de uma descontinuidade possível; a descontinuidade, por sua vez, demandará uma interdição para que se instale efetivamente — o supereu. Para Fátima, a clínica com crianças comporta um compromisso mais amplo, que é o de fazer frente, também, à ilusão dos “garantidos” que a contemporaneidade oferece. Ao exercer a clínica com adolescentes, Isabel Vilutis constata, nas patologias neuróticas, a presença de “episódios de dor psíquica intensos, paralisantes, às vezes acompanhados de dor físi-



ca" (p. 73). Dores que falam de um vazio que evoca o corpo, o velho-novo corpo. Dores que suscitam uma pergunta e um caminho: será que, neste momento, que é de reedição edípica, ocorrem novos "desajustes" entre o narcisismo dos pais e o do próprio adolescente? Dores, então, do traumático, do não simbolizado, dores de uma mudez?

No tema "Neurose: um desafio, ainda", a histeria e a obsessão são revisitadas por Silvia Alonso e Rubia Delorenzo. Silvia nos oferece, em seu texto, uma contínua relação entre as variações dos contextos histórico-culturais e a expressão sintomática na histeria, ao mesmo tempo em que propõe que, apesar das grandes diferenças que possam ocorrer, o corpo sempre surge "como lugar de expressão daquilo que não consegue ser dito" (p. 82). Lacuna psíquica, prisão na experiência real, ausência de significações possíveis. Na atualidade, na *sociedade do espetáculo*, em que expressões podem as histerias exercer a sua linguagem de corpo? Ao lado dos sintomas conversivos, que não deixam de existir, as expressões percorrem uma gama de possibilidades que vão, desde as dissociações, que beiram as perversões e as fobias, até a depressão. Rubia, "movida pelas imagens de conjunto de um curto processo de análise", aborda uma forma de morte, *a morte como abrigo do eu*. O paciente que a autora nos traz metaforiza, em seu funcionar obsessivo, o temor de "dissolver-se ao romper sua armadu-

ra" (p.109). A tensão intolerável se instala e a analista, querendo sair de sob a força imobilizadora sobre ela exercida, demanda, em vão, palavras, sonhos. Impasse que leva Rubia a se/nos perguntar e a nos deixar na angústia (que se espera possa ser de vida!): o que fazer diante destas operações da morte?

"O traumático na clínica", é abordado por Lucia Fuks, na vertente *do que insiste* e por Myriam Uchitel, enquanto busca de uma clínica "específica". Lucia retoma o duplo aspecto do trauma para Freud (o sexual e o *a posteriori*) para trabalhar a questão da re-significação, marcando sua posição: a ênfase na constituição em dois tempos "não deve ser enfocada como uma desapareição do energético" (p. 121). O "trauma puro" é uma forma de angústia automática, é exclusivamente econômico, é energia livre e caracteriza o primeiro tempo, o tempo mudo que, depois, vai se constituir no trauma propriamente dito. Já o conceito de traumatismo cumulativo é utilizado, no texto, para dar relevo à idéia que o episódio chocante é apenas o organizador, condensado, de inúmeras situações disruptivas anteriormente vividas. Myriam nos diz: o conceito de trauma interroga a teoria – questiona, inclusive, o princípio de prazer.

Questiona de forma tal, a evidenciar que sua dominância não existe desde o começo. "Não é o princípio de prazer que funda o prazer mas, ao contrário, é o prazer que se erigirá em princípio" (p. 137). Torna-se, então, fundamental que se indague sobre o funcionamento psíquico anterior ou paralelo a seu predomínio. Trauma: força irredutível, excesso e falta. O trauma fica fora da dinâmica do recalçamento, fora da inscrição, fora do aparelho psíquico, fora.... Na transferência surge um repetir mais primário, que repete, justamente, em busca de ligação. Inúmeras perguntas aqui se colocam. A tópicos precisa ser ampliada para que o trauma "caiba"? Será que o trauma carece mesmo de representação, ou sua inscrição fica turvada pela intensidade do afeto? Inacabados que nos demandam....

"Quanto à dissociação – mecanismo essencialmente de quebra e de divisão – é sempre de valia reinscrevê-la no corpo de psicanálise, corpo paradoxalmente uno e tão fragmentado a um só tempo" (p. 154). Assim é que Décio Gurfinkel abre o seu escrito dentro do tema "Dissociação e perversão", no qual, a seguir, Flávio Ferraz tematiza "a possível clínica da perversão". Décio coloca-nos, frente à afirmação freudiana de que nas psicoses há um desprendimento em relação à realidade (uma dissociação psíquica) e frente à teorização freudiana sobre o fetichismo, na qual a dissociação é também condição presente. Assim sendo, qual seria a "realidade" referida? Na psicose, a dissociação estaria também referida à castrição? Nas situações em que

não há um eu minimamente constituído, a cisão não poderia ser do eu, mas no eu; cisão na organização ambiente-indivíduo. A partir disto, não é mais possível focalizar a questão da dissociação sem, simultaneamente, focalizar a questão do eu e de sua gênese. Flávio Ferraz, através da inquietude relatada na sua clínica (caso André), relaciona depressão com perversão da seguinte forma: "eu tinha a certeza de que a depressão potencial, ocultada por toda aquela montanha perversa, era algo de porte oceânico, e que a análise só resultaria em algum avanço se atravessássemos, ali, o pântano infernal que cercava sua vida psíquica" (p. 187). Por esta via, o autor relaciona o modo compulsivo de obtenção de prazer do "perverso" com a proteção possível para angústias psicóticas, angústias que ameaçam a integridade subjetiva. A clínica da perversão mantém a maior proximidade com os transtornos narcisistas e é, nela, possível vislumbrar os rudimentos de uma potencialidade simbólica; isto faz com que se pense em uma clínica inóspita, por não inviável.

"A psicanálise e a psicopatologia contemporânea" é o tema que nos joga em pleno dia-a-dia de uma clínica que urge ser pensada frente aos insistentes apelos a um neo-individualismo exacerbado. Mário Fuks trabalha questões teóricas que passam pela "perda do ob-



reto inserido em uma história" e Ana Maria Sigal vai se embrenhando pelo "pânico", seguindo os caminhos e descaminhos do recalque primário. Mário considera que a contínua orientação para a ação, pouco desenvolvimento do pensamento, e um eu "fático", correspondem aos traços essenciais de "um modo de diferenciação que é próprio da modernidade e que aponta para um imaginário de 'interioridade' (p. 207). Este "eu" é um eu de pertinência e não, de fato, um "eu interiorizado". Na ausência do objeto que se faz história, instauram-se os fetiches. O ego fetichista é pobre de desejo, de fantasia, de possibilidades de ações investidas sobre a realidade. Mário pensa nos desfechos do tipo drogaditivo (nos quais parecem se produzir incorporações do objeto de caráter narcísico) e, metapsicologicamente, pensa nas aproximações com as neuroses narcísicas (a melancolia). Ana Sigal, a partir da clínica com alguns pacientes que sofrem de pânico, propõe: "a aparição destes signos somáticos é produto de uma invasão no eu de elementos arcaicos, que se presentificam como corpos estranhos sem possibilidade de tradução, graças a um fracasso do recalque primário, que deveria tê-los sepultado definitivamente" (p. 218). Elementos que, ao fracassarem em sua possibilidade de ligação, ao não propiciarem a emergência da angústia-sinal, determinam um colapso do eu, que se acompanha de descargas neuro-fisiológicas e distúrbios na representação. A pintura de Francis Bacon permite, para Ana, uma articulação com a metapsicologia freudiana. Em Bacon, o arcaico se faz atual; imagens

regressivas, algo que escoa, pele e ossos. Nas vivências de pânico estaríamos diante de falhas nas primeiras inscrições e fixações, sendo, então, necessário que o analista ofereça "um aspecto ligador de sustentação" (p. 229), que ele crie história, pois não há, no pânico, história possível de ser contada.

O último tema, aquele que se denomina "Aspectos do mal-estar na cultura de hoje", é trabalhado por Alcimar de Souza Lima nos aspectos de intensidade e ética – e por Ana Maria Amaral enquanto patologia das sociedades civilizadas. Alcimar realiza uma breve história do tempo, desde o tempo em que se tinha tempo... até o tempo do nosso tempo atual, no qual uma das marcas "é o imperativo de uma digestão sem interdição em altíssima velocidade, que faz com que as pessoas coloquem tudo para dentro sem discriminação" (p. 237). Bulimias, anorexias: mortes por intoxicação narcísica. A ética: enfrentamento do *novo*, criação no coletivo, criação-resposta às situações que vão sendo geradas. Na subjetividade e no social, faz-se necessária uma organização, tecida juntamente com a ética, no calor do *acontecimento*. Duas categorias, desdobramento e metáfora, servem ao autor para definir o *acontecimento* no que este tem de mais potente: o pri-

meiro está quem do recalque primário, é pulsão de morte pensada em sua positividade, e o segundo está sempre além do recalque, é figura de linguagem, é do campo representacional. Já Ana Maria nos traz uma peça de ficção, o epílogo de um romance de Houellebecq, no qual "toda a espécie animal, por mais evoluída que fosse, poderia ser transformada em uma espécie aparentada, reprodutível por clonagem e imortal; ... ultrapassando a individualidade e o devir" (p. 248). Ficção que estimula a autora a retomar o espírito da obra de Freud, a pensar o mal-estar na cultura de hoje e a refletir sobre as saídas possíveis para a violência constitutiva do ser humano. Parece que hoje o que se vive é uma explosão pulsional. O campo da psicanálise é o da pulsão e o do sentido. Não será que a possibilidade maior reside em viver a fragilidade, trabalhar com o negativo, incorporar a pulsão de morte não apenas enquanto destruição, mas como negatividade? O caminho apontado: a sexualidade como domesticação da pulsão de morte. Erotizar, condição de possibilidade do social, no convívio com o oco. A vida: uma relação positiva com o nada. Mutações mentais, não genéticas. Mutações!

Será este livro uma apologia, uma ode ao inacabado? Será esta a minha proposta de leitura? Não! Não é o que move, *per se*, os trabalhos referidos. As riquezas contidas nos textos existem justamente por manter, como referência constante, o outro pólo, o dos "bem acabados". Os bem acabados (até o momento?), os pilares sem os quais não se tem como pensar. Exemplarmente apenas, menciono uma passagem na qual se constata que, apesar das inúmeras re-elaborações, "o aspecto de imutabilidade que o *eu ideal* contém permanece

vigente. O perfeito não se modifica" (p. 61). Insinuando-me nas palavras do texto, eu diria que "o perfeito" é aquilo que se mantém operativamente produtivo na teoria e na prática psicanalítica. Os bem acabados: apoios essenciais, que alavancam por se manterem alicerces.

"Há, sempre, algo a ser feito, como nos ensinaram os analistas que ousaram tratar dos pacientes 'difíceis' ou inacessíveis à análise. E este posicionamento não decorre de um mero princípio de técnica, mas, antes, de uma disposição ética" (p. 197).

E, assim sendo, há histórias se formando e se imbricando. Assim sendo, a clínica vai prosseguir contando histórias, que vão sulcando histórias na teoria, que vai seguir contando suas histórias. Assim sendo, a Psicanálise, ao longo e ao largo, vai, ela própria, sendo contada pela História.

**Janete Frochtengarten** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

## NOTAS

1. A. Green, "La pulsión y el objeto", *La Metapsicología Revisitada*, Eudeba, 1996, capítulo 1, p. 21-22 (tradução e adaptação da autora).